



Daniel Lage



Daniel Lage

FLORAÇÕES

de Daniel Lage

arte de Paloma Franca Amorim

L174f Lage, Daniel.

Florações / Daniel Lage. ilustrações de Paloma Franca Amorim;
apresentação de Mauro Iasi; prefácio de Edi Almeida - São Paulo: Trunca
Edições, 2021.

126 p. ; il.

ISBN 978-65-00-22274-6

1. Literatura Brasileira 2. Poesia I. Título

CDD: B869.1 CDU: 82-1

Agradeço às Edições Trunca. A generosidade e franqueza com a qual seu coletivo, de operários-poetas, acolheu esse livro.

Aos poetas da vida cotidiana. Com alguns nasci, com outros morei, outros ainda beijei a boca para celebrar a vida e a arte. Com todos cavei trincheiras qual um canteiro se cava.

O que aflora

*“Vozes queridas, vozes ideais
(...) Eles nos falam em sonho ou daqueles
que estão perdidos para nós, como se
mortos. (...)
E, quando soam, por um instante eis que retomam
Os sons da poesia primeva em nossa vida,
Qual música distante que se
perde noite afora”.*
Konstantínos Kaváfis (Vozes)

Florações ocorrem, por óbvio, com flores, mas também com mato, ossos esquecidos, águas barrentas, coisas que de repente aparecem e desabroçam quando as pensávamos esquecidas. Poemas afloram sabe-se lá de onde. Uma palavra aqui, uma imagem, uma lembrança, uma frase. Estou convencido que não haveria poemas sem raiva, como o adubo malcheiroso que alimenta as perfumadas flores. Certo, temos o amor, que Jeff Vasques nos explique, mas uma boa dose de indignação e saudável raiva é fundamental.

O poeta acolhe sua raiva, sua dor, a veste com palavras, penteia seu cabelo desgrenhado com rimas, a perfuma com sua alma e a põe para dormir no papel. Aí a raiva vestida de poesia sonha com leitores que a acordam e lhes leva para passear com suas dores e esperanças, por isso a raiva, dura e violenta na vida, parece tão bonita no poema.

O poeta atravessa o mundo com uma sensibilidade que lhe é, via de regra, um carma. Não é culpa da sensibilidade em si, mas do mundo. Já dizia nosso mestre João Cabral de Melo Neto que a vida é áspera, tem arestas, incomoda. O mundo nos olha com desprezo, com seus horários, tempos e ritmos, produtividades, lucros e dividendos, quantidades de trabalho humano abstrato socialmente necessário embaladas em diversas formas de aprisionar o desejo e expô-lo nas vitrines do comércio ou nas gôndolas de

supermercados. É natural que o poeta ande inquieto e contrafeito, pois não foi feito para tanto, olha as mercadorias e vê pessoas suando para fazê-las, compra um pacote de macarrão e o abraça como se estivesse com sua avó nos braços e com seus sete anos de idade, vê um sapato e sente as dores nas costas de um velho que não consegue mais calçá-los.

O poeta sofre, é natural. Qualquer um goza e acende um cigarro, o poeta antecipa a separação e um poema que ambiciona deixar eterno aquilo que todos sabem que é passageiro. Florescem nele as sementes que foi guardando em seu peito de terra, regado com lágrimas e adubado com a raiva. Todos sabem que há uma diferença entre um jardineiro e um agricultor, o primeiro mais preocupado com a estética, o segundo com os alimentos que nos nutrem. O poeta é uma espécie de agricultor que ambiciona ser jardineiro, quer fazer belo aquilo que nos sustenta.

Normalmente, morre de fome e carente de beleza, por isso sofre enquanto nos alimenta de coisas belas. A ilusão de alguns poetas é acreditar que esta imensa dor é só deles. Cantam e requeentam suas próprias dores, sua raiva, seu amor, como se fossem propriedades privadas de seu pequeno ser que sofre injustamente. Não devemos julgá-los tão duramente, pode sair daí bons poemas. Mas há poetas que navegam pelo mundo em embarcações coletivas, galês ou caravelas, jangadas ou canoas, em que remam junto com seus camaradas, içam velas contra ventos assombrosos. Estes não têm muito tempo para autolamentações, veem sua dor nas costas cansadas de seus camaradas, juntos puxam a rede na dura labuta do mar, dividem seu alimento, bebem juntos o vinho e sorvem o fumo. Quando cantam, não é somente sua voz, mas a voz dos afogados, daqueles que tiveram suas línguas arrancadas pelo silêncio, daqueles que queriam gritar, mas não sabiam como. São nossos poetas.

Florações, de Daniel Lage, foram pacientemente adubadas, cuidadas, algumas aparadas, para que agora renascessem em livro. Nasceram antes, algumas antes mesmo de serem feitas, naquele limbo onde moram os poemas que não vieram ao mundo. Daniel é uma destas vozes coletivas que nos cantam ao cantar. Reconheço nele muitas vozes, mas encontro seu próprio timbre, sua nota singular, sua pegada. Seus poemas nos convidam a uma viagem e nos levam sem imposições. Trata bem as palavras, suas ferramentas, como artesão competente que ama o que faz. Tudo isso

permite florações bem-vindas de sementes prenhas de promessas, esperança e raiva.

Não entendo de poemas. Pessoa, quando era Caieiro, dizia que pensar é estar doente dos olhos. Não sei pensar sobre poemas. Meus olhos miram nas palavras e elas me levam, gosto de para onde me levam, agradeço a viagem e retorno um pouco maior do que quando parti. O que mais posso esperar? “O mundo não está pronto para nós”, é verdade, “mas nós estamos”. Então, poetemos até o amanhecer e depois riremos de nossos fracassos ao abrir as velas, aproando nossa nau rumo ao horizonte que anuncia tempestades.

Mauro Luis Iasi - Ilhabela, 2021

Prefacio

Muitos são os caminhos que poderia trilhar nesse prefácio. Mas o que me mobilizou em profundidade e que, por fim, permitiu que me guiasse nessas linhas, foi a alegria em ver essas páginas florescerem, em ter parte nisso tudo. Quando Daniel me convidou para escrevê-lo, senti, ao mesmo tempo, a responsabilidade de quem é convocada para uma tarefa importante e o medo de quem, de repente, se vê no front de batalha. Para nós que compreendemos que na luta de classes todas as armas são, não só boas, como necessárias, conduzir-nos à escrita é também nos conduzir à guerra. Sabemos que a poesia deve “acordar os dormentes”, e não ninar corpos resignados, como bem apontou Chico César, em uma das redes em que temos nos emaranhado atualmente.

Ainda vivemos sob uma “desordem sangrenta, confusão organizada”, como bem caracterizou Brecht, onde a morte daqueles que a tudo dão vida se impõe, implacável, por todo o mundo. Tempos de pandemia mundial, onde o Capital se mostra ainda mais impiedoso, ceifando vidas como nunca, impunemente. Nossos direitos, conquistados com sangue, suor e luta, são retirados, aniquilados por reformas, medidas provisórias, leis e outras formas de exercer a violência. Tempos em que – como resposta a isso tudo – somos convocados a cuidar de nós mesmos e seguir o curso, quase sempre, abandonando os nossos.

O que dizer nestes tempos? O que falar sobre um livro de poemas que nasce neste tempo? Que poema pode nascer em terreno tão contaminado?

Estando entre aqueles que sabem que sozinhos não podemos nos salvar, se algo há que posso dizer deste livro – para além de tudo que ele dirá por si mesmo – é que temos, em nossas mãos, poemas para lermos juntos, forjando nossas armas, nos forjando na luta, nas trincheiras, de onde também saíram. Entre sussurros, em banheiros escondidos, nas greves, nos trens, saraus, piquetes, intervalos, noites insones, em sambas, nos momentos de amor. Pois que assim façamos, para que eles sejam mais que bolinhas contra grossos escudos, ou alimento às traças. Para que eles possam se espalhar como sementes ao vento, pelo bico dos pássaros.

Este livro é resultado de anos de escrita, criação e revisão. Poemas tantas vezes refeitos, agora, ganham uma forma acabada. Nele é perceptível o diálogo mais ou menos direto do autor, e que também marca sua poética, com Cabral e, sobretudo, Drummond. Diálogo que ele expõe já em seus primeiros versos e que reaparece ao longo de todo o livro. Mas o corte fundamental, que faz sua poesia viva e necessária, é seu assento na luta, junto aos que lutam.

É certo que é a ação da classe e seus frutos, em forma de rosas, que agita o peito do poeta e que faz sua poesia aflorar a olhos vistos. Fruto vivo, na forma de semente, broto, anúncio de flor viva e vibrante, que fere, marca e pretende transformar: o trabalho, o cotidiano, o amor, que ...violenta as avenidas, arrebenta os viadutos, faz arrepiar o asfalto, refaz o fluxo dos rios. Florações! Esse jardim de tantas flores, que se abrem a nós e que tive a honra de participar do cultivo, por anos, as vendo ser plantadas e regadas, participando de podas e adubagens, sugerindo que algumas fossem, inclusive, entregues às pragas. Prenúncio de flor que brota, ainda que em terras desertas, e que Daniel nos apresenta na forma de poemas “para amolecer mãos de operários,/ e como uma bala atravessar muros”. Flor que não se resigna frente às armadilhas cotidianas, que não se engana por caminhos fáceis, que delira e explode em anunciação de outros tempos. Tempos que nós, operários-poetas, construtores do amanhã, entre metais e espinhos, haveremos de construir!

Edi Almeida - São Paulo, 2021

I

A rosa ausente



A Rosa Ausente

*Onde não há jardim, as flores nascem de um
secreto investimento em formas improváveis.
Carlos Drummond de Andrade*

antes separaram
o cheiro em frascos
a cor em telas
a rosa sem ela.

desataram pétalas
roeram espinhos
no talo da prosa
a rosa sem rosa.

no meio da rua
em tráfego lento
sem dono, sem rumo,
sem futuro, a rosa.

cavaram tormentos
no centro do país
num canteiro de rosas sem raiz!

depois juntaram nas formas
das vitrines, pedaços de rosa:
o cálice, a haste, os espinhos.
mas a rosa não vende.
a rosa não rende.

por isso rebrota,
feia como rosa,

a rosa ausente.

Emulsão

Quem se agita porta a dentro?
Estão descartados os ventos casuais,
ladrões e viciados sem recursos.

O que ofereço
mal interessa
aos insetos,

apesar das borboletas
insistirem em morrer
sobre a escrivaninha.

Nada pergunto sobre elas.
O direito de morrer está garantido
às borboletas, mariposas e pássaros.
Mas não lhes interessam
essas rosas
que amanhecem murchas.

Eles vêm antes
pelo cheiro
que exala a cozinha.

Eles como você
e talvez outros,
sempre poucos,

vêm pelas folhas
em emulsão
paciente.

Mistério de reter essências

pelos amplos oceanos,
a substância das pérolas dissolvidas,

pois não acredito em oásis.
Em verdade,
mais sei de sua miragem.

A euforia da sede
não pode ser maior
que a sede.

Mas essas eram questões
do tempo de abundâncias
que nenhum homem nunca viu.

Afinal, o curioso
de nosso deserto,
é a ausência mesma da sede.

Oxalá consiga inventá-la,
o que está longe
dos meios que possuo.

O que posso agora
é inculcar perguntas.
Afinal, quem se agita porta a dentro?

O poeta friorento

Pois veio o inverno e
tivemos que fechar
as janelas e as portas.

As visitas podem esperar
a primavera! Por isso,
desligamos também os telefones

e deixamos de ver
as mensagens tanto quanto
os remetentes não vimos.

Afinal, este frio
está mesmo insuportável.
Incansável amanhecer sem sol.

Sem lareira ou
coisa que o valha
o inverno adentrou a casa.

Tentamos um chá
para aquecer ao menos
nossas bocas e mãos.

O que nos garantiu,
inicialmente,
uma conversa – que gelo!

Mas o assunto secou
e os goles trêmulos
calaram.

Pois veio o inverno
e tivemos que fechar
os casacos e as caras.

Nós também podemos
esperar a primavera. Por isso,
paramos também de escrever.

Madrugada com João Cabral

Sob as plumas ausentes
de teu cão extinto
cavalgo Cabral.

E ao montar
em dura cela
me agarro
em tuas flores
sem elas

.

Atravesso dunas,
turvas águas
da madrugada.

Capiberibe de almas
sem homens?

Que desvairada
doação fizeste,
camarada!

Botaste o poema
ao reverso.

Impossível identidade
com o nada
para além de teu verso,

que minha pena
pelada tenta,
mais que tenta
rala, e a palavra

cala em tuas facas.

Quero o teu
processo avesso,
teu verso feito
só para as outras
almas.

Não para a minha
já em revoadas.

Mas quando
a pena me boto,
erizada de teu cão
extinto,
ouve-se lá do quintal
o relincho:

capoto, Cabral.

E volto a te ler, sem ter.

O poeta que hesitou

Não amei ninguém.

*Salvo aquele pássaro - vinha azul e doido –
que se esfacelou na asa do avião.*

Carlos Drummond de Andrade

Ele não foi o primeiro.
Quando a verdade chega,
qual notícia em fim de tarde,
deforma as flores do jardim.

O papel aceita tudo,
já disseram os pragmáticos,
e a pena do poeta
transborda em fantasia.

Todos têm o direito da dúvida,
mesmo quando ela aparece
com um fechar de olhos.
Gesto trivial. Mãos pensas.

A corporação burguesa,
assassina e miserável,
salta como uma exigência,
na métrica da estrofe.

No salão do recital
operários armados
aguardavam o poeta.
Sua ordem, seu verso.

Ele não compareceu.
Sequer soube que,
em verdade, armas
e operários não havia.

Havia um pássaro azul.
Ou preto? Fosse preto,
morto sobre a escrivaninha,
haveria confissão?

Sem rima ou solução,
o poeta, seu Raimundo,
não vem mais não.
Paciência.

O poeta que morreu de fome

*Quem fala em flor não diz tudo.
Quem me fala em dor diz demais.
Ferreira Gullar*

Ele não foi convidado
para o recital.
Apesar de quase todos
falarem sobre ele.

Alguns defenderam,
inclusive, que ele
é a raiz de sua poética.
E de todo um país?

Outros, claro,
ignoraram sua existência.
E decidiram cantar
os grandes banquetes.

Mas quando a notícia
chegou, foi inevitável
que o mal-estar
interrompesse as leituras.

O poeta morreu de fome
com a boca aberta,
sem que nenhum verso saísse,
sem que nenhuma comida entrasse.

No centro da sala
restou um poema
escrito com as fezes

que ele não fez.

Essa tinta estúpida
e mal cheirosa
que impregna as mãos
e borra as palavras.

Por enquanto

Há uma vitrola.
Na vitrola um disco
girando sob a agulha,
mas o som não sai.

Sei que é um disco inédito,
que contém grandes composições
e cada faixa
será inesquecível.
Encontrarão nele
a expressão mais bela
e necessária
desse tempo mudo.

Sei de tudo isso,
pois só de aproximar os ouvidos
da vibração da agulha,
todo corpo vibra
nos relevos do vinil.

Há uma vitrola.
Na vitrola um disco
girando sob a agulha,
mas o som não sai.

As caixas de som
estão bem encaixadas.
O botão do volume
está bem ajustado.
A energia elétrica
passa em abundância...

Mas o som não sai.

Camaradas, tenho que lhes dizer isso!

Há uma vitrola.

Na vitrola um disco

girando sob a agulha,

e suas faixas contém

belezas indescritíveis,

inesquecíveis e necessárias...

Mas, por enquanto,

é impossível escutá-las.

Poema-bolinha

Sejamos realistas, camaradas,
entre o poema e a revolução
há um abismo de mil metros.

Imagino, na hora decisiva,
como conter a tropa de choque
com papéis borrados de tinta?

É certo que bem amassado,
em formato esférico,
o poema pode ser arremessado.

Ao ver o gesto ameaçador,
o soldado atento
ergue o escudo gigante.

O poema-bolinha acerta no alvo,
quica suavemente sob a superfície sólida
e para no asfalto – ilegível.

O poeta foi contratado

*A burguesia (...) fez do médico, do jurista,
do sacerdote, do poeta,
do sábio seus servidores assalariados.
Manifesto do Partido Comunista*

O poeta foi contratado.
Ele tem potencial.
Ele pode ser útil.
Ele está disponível.

Ele acertou as respostas.
Ele aceitou as condições.
Ele pareceu satisfeito.
Ele não reclamou do salário.

Contrataram o poeta.
Ele foi simpático.
Ele usou as palavras certas.
Ele chegou no horário.

Ele usa contraceptivos.
Ele é controlável.
Ele acerta no decote.
Ele capricha na maquiagem.

O poeta foi contratado.
Ele tem a pele mais branca.
Ele pareceu aprender rápido.
Ele pode ficar até mais tarde.

Ele não fala de política.
Ele pareceu se adaptar.
Ele entendeu a missão da empresa.

Ele falou apenas o necessário.

Contrataram o poeta.

Ele estava sóbrio.

Ele teve paciência.

Ele foi o último a sair.

Ele cumprimentou a todos.

Ele estava decidido.

Ele precisa do emprego.

Ele trouxe um poema para os que fossem contratados.

II

Entre o metal e a rosa



Entre o Metal e a Rosa

What we've got here is failure to communicate.
Guns N'Roses

Entre o metal e a rosa,
haverá mais que tons
entre o cinza e o vermelho.

Haverá mais que barras de ferro
e buquês envoltos de plásticos.

Mais que a rosa,
aparente flor,
e o metal gelado.

Haverá mais
que a indústria dura e o publicitário
anúncio.

Entre o metal e a rosa,
contrastes não se verão
por tão fácil fotografia.

Como os fuzis
carregados de flores
não mais se verão

com tamanha
histórica altura,
identidade adversa.

Entre o metal e a rosa,

não haverá igualdade,
senão em formas

de enganoso conteúdo.
Entre o metal e a rosa
pouco haverá de valor.

Talvez apenas um ressentimento
do que não fomos,
de escultura, de rima, de formosura.

Talvez, na verdade,
apenas uma renúncia,
insistente e teimosa.

Entre o metal e rosa,
qual lado é mais espesso?
Mesmo contrariado, no meio,
permaneço.

A poesia é um ofício

À Eloi Lage

Encaro a poesia como um ofício
qual o antigo sapateiro encara
os sapatos de sua oficina.

Ele, entre o cheiro de couro e cola, c
olore os moldes com a costura fina,
e martela e reforça o lado da sola.

Um sapato deve ser delicado
para atravessar o ar como pássaro.
Um sapato também deve ser bruto,
para alavancar do chão mais um passo.

Meu poema vem do mesmo trabalho,
de fundir pétalas e metais duros:
para amolecer mãos de operários
e como uma bala atravessar muros.

Bom intervalo

À oposição metalúrgica de Gravataí

Não diga
“bom trabalho!”
Pois não se deve
acostumar
com falsidade.
O trabalho, assim
como está, é ruim.
Enfim, também
não diga,
“ao abate!”
Afim, de nada vale
não lutar contra
essa verdade.

Pois então,
que dizer
na hora da
cotidiana
despedida?
Ora, diga apenas
a justa medida.

Bom é quando paro
e encontro com meus pares.
Um pouco de pernas pros ares,
e o corpo todo em reparo.

Deseje
simples e claro
a todos que vão

ao trabalho
que tenham ao menos
um bom intervalo!

A Peça

a peça
passa
eu penso

eu penso
a peça
passa

passa
a peça
eu penso

e penso
eu peça
passa

e passa
penso
eu peça

a peça
pensa
eu passo

Insônia

como uma sequência
intocável de fatos.

o esforço principal
é juntar lé com cré
para sobreviver.

o pior mesmo
é acordar
e saber que é preciso

fazer tremendo
esforço mental
para saber simplesmente:

quem é?
como é?
o que faz aqui?

por isso, às vezes,
o trabalho alivia
lá sempre se sabe

ou pelo menos
finge-se e trabalha
o que, às vezes, alivia,

e, sobretudo,
sobrevive
sem juntar lá com cá.

por isso mesmo

dormir é o pior
de tudo.

pois depois
de muito raciocinar
e achar o fio da meada

(e é aí, sim,
que o dia devia
simplesmente começar.)

pois é quando
se sabe
o que devia ter feito

e ainda não fez:
aquele verso,
aquele texto,

a visita amiga
que quer retribuir,
o beijo sem bocejo,

as mãos dadas
que não deu, mas
tanto devia ter dado

sem ter matado o tempo
com lamentos ou
espera silenciosa.

entre acontecimentos
simplesmente intocáveis
devia-se tocar!

como quem existe

e não finge
nem foge

do que poderia
ter feito
e só agora

sabe-se bem
que o dia
é matéria viva

de pegar na mão
junto com a tua
vida presente.

e tanto devia-se
ter dito, discordado,
alertado e convivido.

tudo antes de ter despertado
na hora do dia, simplesmente,
terminar.

Os urubus do amor

Os urubus do amor,
infelizes...
Não pelo que tentaram,
mas por acreditar
que não tentar
é a justificativa
de seu fracasso.

Aparecem
sempre sorridentes
e interessados
no amor alheio.

O apodrecer
da carne fresca
dos namorados
iniciantes
lhe dão alento,
ao ver apodrecer
tranquilamente
sua própria carne,
sua prole.

São diferentes
daquelas generosas
aves
que antes perguntam
e revelam,
pelos elementos
da resposta
do ser amante,
ilusões comuns

e entediantes:

“Tu me amarás mais
que nesse instante?
Por toda vida
e adiante?”

Os urubus do amor
trazem sempre
por baixo das suas asas
de pavão derrotado
a notícia, o segredo,
o comentário dos corredores:
o aborto, a gravidez
a traição, o ciúme...
São suas feridas.
E isso é tudo
que têm para mostrar.

Falam do tempo
que tudo era bom
e tudo se perdeu...

Os urubus do amor,
não amam,
mas sentem tanta falta...
E pela falta
procuram
no amor do outro
a constatação
terrível
de que o amor alheio
é a carniça
que os alimentam.

O que pode
levar alguém

a contar intimidades
alheias, que ouviu
de terceiros,
sobre outra intimidade,
senão o próprio
odor terrível
de sua carniça?

Sabe, Maria,
a culpa é dela,
aquela Madalena,
teu filho
se apaixonou
por um prostituta.

Bentinho,
te contaram
da Capitu?
Nem me fala...
Pois é...

No banco da praça

*Ouvindo Exalta na quebrada
gritando eu me apaixonei pela pessoa errada.
Baco Exu do Blues*

No banco da praça,
antigo mirante,
perdido no tempo,
contemplo o amor.

Me fundo à madeira,
mero cogumelo,
escuro bolor,
suspiros, lamentos.

Contemplo o amor
que passa assustado,
miseravelmente,
pobre e assustado.

Qualquer aflição,
barulho ou penas
estraçalhará
sua aparição.

amor em flagelos,
é o mais moderno
desses tempos pós
cadernos e bancos
antigos de praça.

Certa vez o amor
captou o ruído

de um descuidado
verso antecipado.

Dos meros farrapos
brotou magnífica
figura assertiva
e disparatada.

Falou de política,
cantou em inglês,
sambou de ladinho,
depois de uma dose.

Deu três piruetas,
que ninguém nem viu.
Lembrou do trabalho,
suspirou e partiu.

O amor figurado
nos tempos de pose,
por versos rimados,
mal vale outra dose.

Por isso essa métrica,
verso amarelado,
é lugar seguro,
pro amor contemplado.

Do banco da praça,
vejo o amor passar,
pobre ou terrível
sem carga no celular.

Gosto de olhar tua imagem

Gosto de olhar tua imagem
na tela dos aparelhos portáteis
não porque nela
ao toque dos dedos abobados
você é tão bela
que se espalharia
instantaneamente
como um anúncio.

Gosto de olhar tua imagem
na tela
porque através dela
sinto teu cheiro azul
atravessar minha retina
sinto o ruído cru
de teus dentes
na minha pele aguda
o verde adocicado
de tua saliva
viva como o macio
vermelho de tuas curvas
ensolaradas
pelo teu sorriso
em sol maior.

Poema da Madrugada

De uma parte
a outras tantas
na cidade imensa
teu perfume
qual metrô
atravessa as estações.

Marcas no trânsito
de quem nunca acaba
onde começa
a madrugada iluminada.

O labirinto de portas
guarda teus segredos
convida a aventuras:
Que perdeste? Que procuras?

Dos holofotes
escolheste a lua.
Das passarelas jamais
uma donzela. Rua.

Findam as gargalhadas
silêncio na avenida.
Súbito, já é tarde.

Na cidade, o quarto:
confluência de vias
respiratórias. Nua,
como a vida lhe deu.
Adeus.

Queria dar-te um poema

Queria dar-te um poema
que aliviasse de pronto
toda saudade que é minha
e que é tua e que é tanta.

Então dar-te um beijo
como um poema se lê,
na brisa fresca da noite,
com os lábios perto dos lábios.

E então dar-te uma noite,
que revelasse num instante
o sentimento completo
de dar-te tudo que são

poemas, beijos e noites
para aliviar de pronto
toda saudade que é minha
e que é tua e que é tanta.

O poeta foi promovido

*É contra esse concorrente que é obrigado a competir.
Friedrich Engels*

O poeta foi promovido.
Ele é uma referência.
Ele forma opinião.
Ele sempre bate a meta.

Ele é resiliente.
Ele não falta à toa.
Ele ajuda os colegas.
Ele é de boa família.

Promoveram o poeta.
Ele tem boas ideias.
Ele tem foco no trabalho.
Ele tem a pele mais branca.

Ele tem um sorriso bonito.
Ele é muito atraente.
Ele sabe ser duro.
Ele se veste bem.

O poeta foi promovido.
Ele se adapta rapidamente.
Ele é muito produtivo.
Ele fica até mais tarde.

Ele respeita os diferentes.
Ele não gosta do sindicato.
Ele defende o diálogo.
Ele entende o outro lado.

Promoveram o poeta.
Ele bebe socialmente.
Ele resolve os problemas.
Ele é a solução.

Ele organiza a equipe.
Ele toma as decisões.
Ele demite quem tiver que ser demitido.
Ele mandou que outro escrevesse um poema sobre os que foram promovidos.

III

Jardineiros delirantes



Jardineiros Delirantes

*O poeta declina de toda responsabilidade.
Carlos Drummond de Andrade*

No avesso de tuas pétalas
algazarras mil

Quem te deu sentido
senão olhos carregados?

da suavidade do toque
ao estrondo da queda

colapsados sentidos
das construções prosaicas

a inútil presença
dos jardins decaídos

decompostos brotos
mormaço sem estufas

das terras cálidas
às cidades insuportáveis.

Carregados os olhos
em espelhos estraçalhados

adormecem sem descanso
sobre a terra impune

e quem te acha,
secretos semblantes,

desconfiados de si
abafam lamúrias

descartam os reflexos
pois é às cegas que te iluminam

na contramão das manhãs
auroras noturnas

onde filamentos se unificam
por indutivos enganos

e por demonstrar tua existência
nas pálpebras desertas

é que se revelam presentes
teus jardineiros delirantes.

Absenteísmo

como se antes
de abrir os olhos
e ser tomado
pelos goles de ar

que amarram
a vida ao dia
e seus trilhos
carrilhados

em repetidas
idas e voltas
contrafeitas
sobretudo

às questões ímpares
que te ultrapassam
e te revelam patético
sobrevivente

e por isso antes
do despertar
por qualquer
ruído obrigatório

sobretudo de máquinas
ou simples ranger de dentes
de tua própria máquina
sensível ao toque

como outras
e justamente

como outras
contrafeita

às questões ímpares
de sua própria
dobra ou circuito
engendrada

na superfície
de qualquer máquina
que tudo reproduz
ao despertar pelo toque

permanecesse contrafeito
às outras máquinas
de olhos cerrados

como se antes
da vida remedada
pelas tarefas
necessárias

cujo contínuo
e indubitável
fazer e refazer
a contragosto

fosse peso às pálpebras
que anteriores
à insistência atônita
a contra senso

da certeza prevista
que anuncia o dia
que invade as ruas
que infesta o ar

que aspiram os povos
que anseiam olhares
que ordena e desordena
sob nervos pânico

que desobedecem
e se realinham
que recolocam a vida
na mesma oração

irreparável
e semovente
de irrequietos
semblantes

fosse óbvio
permanecer
na escuridão.

Ela bate seu pandeiro

Ela bate seu pandeiro
Como quem busca um abrigo
Ela soa as platinelas
Como um pássaro em perigo
Ela tira o grave do couro
Como quem abate um mamífero

Ela bate seu pandeiro
Como quem tem algo a dizer
Ela soa as platinelas
Como quem sabe o que fazer
Ela tira o grave do couro
Como quem se reconhece no couro

Ela bate seu pandeiro
Como quem opera uma máquina
Ela soa as platinelas
Como quem bate sua meta
Ela tira o grave do couro
Como quem teve seu couro tirado

Ela bate seu pandeiro
Como quem anuncia uma revolta
Ela soa as platinelas
Como quem espalha uma notícia
Ela tira o grave do couro
Como quem dá sentido ao couro

Ela bate seu pandeiro
Como quem chama para briga
Ela soa as platinelas
Como quem põe por terra patrões e panelas

Ela tira o grave do couro
Como quem fuzila o carrasco.

As mães adoecem

As mães adoecem
por amar em excesso
por cuidar sem medida
por embalar toda vida
seus filhos doentes
as mães adoecem
por trabalharem dobradas
atravessadas nas horas
nas horas vagas do dia
dia a dia, noite e dia
as mães adoecem
com os filhos em casa
sob a pena do amor
da fralda e da comida
no calor da família
as mães adoecem
mesmo quando contentes
as crias batem as asas
e tal voo anuncia
que na casa vazia
as mães adoecem
por perderem sentido
por esquecerem de si
por não terem amigos
as mães adoecem
por amar como ofício
por cuidar como vício
por serem boas mães
do fim ao princípio
as mães adoecem.

País de Primeiro Mundo

Eu não vivo em um país
de primeiro mundo.

Em um país de primeiro mundo,
diferente do meu,
os homens não se matam
por sapatos, casacos
e objetos eletrônicos.

Em um país que se digna
a esse título maior
não há de haver violência
doméstica como aqui:
estupros de quem se ama.

Nesses países, pelo contrário,
o amor é estampado nas ruas
e a poesia é todo dia
a manchete do jornal.

Certamente as pessoas
não saem atrás de emprego,
não se vendem em mercados.
Não puxam o tapete umas das outras, como aqui.

O fruto do trabalho de todos,
é dividido entre todos:
de cada qual a sua capacidade,
a cada qual sua necessidade.

Diferente daqui
não convivem como tontos

com tantas crises econômicas.
E as crianças adoram a escola,
pois lá ninguém metralha os colegas e professores.

Nesses países, a coisa mais chata é assistir tevê.

Definitivamente,
eu não vivo em um país de primeiro mundo.

Nem você.

Abismos

com Golondrina Ferreira

É fácil,
intuitivo,
escorregadio,
o cotidiano e suas armadilhas.

Cinco minutos atrás,
entre minha pessoa
e a máquina que opero,
uma solidão de mil metros
abriu-se como um abismo.

Minhas olheiras pesaram
e meu corpo pendeu
no imenso despenhadeiro.

Para sempre calado,
para sempre de cabeça baixa,
em queda livre me fechava.

Como um pacote enrolado,
queixo colado no peito,
para dentro de mim
e do infinito silêncio.

Soa o alarme!
Interrompe a vertigem.
Desperto do pesadelo
ainda dentro dele –
de volta à superfície.

Dormi?
Morri?
Foram cinco minutos?
Cinco anos?
Olho ao redor – alguém me viu?

Me amedronta mais ser visto
que adormecer
no meio da pressão das garras
das serras e seus fios.

Não,
nenhuma testemunha, por sorte,
nenhum cúmplice, desse salto mortal.

Mas há que ter cuidado:
o cotidiano
é fácil,
intuitivo,
escorregadio.
Pode ser fatal.

O poeta que desistiu

*De tanto lutarmos contra abismos, corremos o risco de nos abismarmos.
Jeff Vasques*

Certa vez, conheci
um poeta
que desistiu
de fazer versos.

Ele tinha
todas razões
para isso:

fazia frio
de congelar os dedos,
os nervos,

e aquilo que
escreveria
era quase certo
que ninguém leria.

Além de que
a poesia
exige muito
do coração
da gente.

E o coração
faz falta.

Parar o verso
prometeu alívio,

agasalho, repouso.
Haverá disso no mundo?

Este poeta parou,
quebrou canetas,
rasgou papéis,
silenciou seu canto.

Mas nada resolveu.
Sem alívio e repouso,
chorou, tomou remédios,
pensou na morte.

De tanto lutar
contra abismos,
nosso poeta,
ele mesmo, quedou
abismado.

Por sorte, na beira
do despenhadeiro
um vento traiçoeiro
soprou ao contrário,
uma erva rasteira
enroscou seus pés,
uma flor
recém florescida
distraindo seus olhos,
uma fumaça
de chaminés
encheu seu pulmão
de espessa realidade
e uma mão,
cúmplice e semelhante,
entrelaçou-se
em seus dedos desesperados.

Dessa vez,
nosso poeta
sobreviveu.

Pois encontrou
outros abismados
como tu, como eu.

À beira do despenhadeiro,
em recompensa, ele deixou uma caixa.
Dentro dela esse poema, uma caneta,
e um papel em branco.

Greve Abusiva

O senhor juiz
considerou que
a greve dos trabalhadores
é abusiva.

Diz ele que
os trabalhadores
não aguardaram
o fim das negociações.
Mesmo que
as negociações
já durassem meses
e os salários acabassem
em poucos dias...

Ele reclamou
da impaciência
dos trabalhadores
e elogiou
a tranquilidade
dos patrões.

Por ser greve abusiva
ele diz que
a polícia pode bater
e os patrões podem
cortar os salários.

Como se
a polícia já não
estivesse a bater
e os salários

já não estivessem
cortados.

Não estivesse
o senhor juiz
distráido com
seu carro novo,
sua nova mansão,
ou seu novo relógio
puro ouro,
poderia ter considerado
outras coisas.

Por exemplo,
ter considerado
abusivas as más
condições de trabalho.
Ter considerado
abusiva a humilhação
diária diante
da chefia e dos demais.
Ter considerado
abusivas as metas,
os prazos, as rédeas.
Ter considerado
abusivas as doenças
e os infortúnios
dos trabalhadores.
Ter considerado,
enfim, os lucros
abusivamente altos,
e os salários
abusivamente baixos.

Mas ele não
considerou nada disso.

Por isso que nós
que estamos em greve
vamos continuar em greve.
E se pudéssemos
com a caneta dourada
de vossa excelência
traçar considerações
diríamos: consideramos
a greve legítima,
quem não entrou
em greve, por gentileza,
faça-o imediatamente.
Quanto ao senhor juiz
e os senhores patrões,
por atitudes abusivas
como explorar os
trabalhadores,
estão condenados
a aceitar todas as nossas reivindicações.
Incluso aquela
que acaba com
os abusos, os juízes
e os patrões.

O poeta foi demitido

*Como pode a sociedade – que o relega a uma
situação em que se tornará alcoólatra quase
por necessidade, deixa-o embrutecer-se e não
se preocupa com ele – acusá-lo quando, de
fato, ele se torna um bêbado?
Friedrich Engels*

O poeta foi demitido.
Ele estava insatisfeito.
Ele não vestiu a camisa.
Ele tem problemas com horários.

Ele não bateu a meta.
Ele pegava muito atestado.
Ele demorava no banheiro.
Ele não se adaptou à função.

Demitiram o poeta.
Ele não foi propositivo.
Ele tem problemas com a equipe.
Ele se distrai nos corredores.

Ele queria engravidar.
Ele vivia de tpm.
Ele não parava de chorar.
Ele não se maquiava.

O poeta foi demitido.
Ele não cumpriu os requisitos básicos.
Ele causou transtorno à produção.
Ele tem a pele mais preta.

Ele fazia muitas perguntas.

Ele falava do sindicato.
Ele questionava a negociação.
Ele era da oposição.

Demitiram o poeta.
Ele bebia demais.
Ele cometeu falta grave.
Ele não fazia hora-extra.

Ele participou da greve.
Ele reuniu a equipe.
Ele não entregou os companheiros.
Ele escreveu um poema sobre os que foram demitidos.

IV

A rosa explosiva



A Rosa Explosiva

*Antes a frase ia além do conteúdo;
agora é o conteúdo que vai além da frase.
Karl Marx*

Escuta a marcha do tempo!
Botinas sintéticas sobre a rosa?
Perguntam os delicados.
Mas é o avesso que se escuta por aqui.

Sob a última garoa
da cidade insuportável
bombas, gritos, fogo e um cão rosnando.
Nenhum santo, nenhum segredo, nenhum sinal.

Anunciam: a rosa arrasadora se aproxima!

Oh! Cidade estapafúrdia,
é o fim do medo de tuas horas,
é a delícia de tua destruição.
Abaixo aos monumentos iluminados!

A rosa ácida,
a rosa atômica,
a rosa tenebrosa.

Concreto sobre concreto,
ferragens, madeira e pó,
eis a estúpida investida
dessa metrópole arrependida.

A rosa, esplêndida e monstruosa,
arranca do cimento

o grito catártico das baratas,
dos negócios, dos bilhões, das gravatas.

A rosa violenta as avenidas,
arrebenta os viadutos,
faz arrepiar o asfalto,
refaz o fluxo dos rios.

Dos edifícios luxuosos
gritam nos terraços
bocas coloridas,
faces de pó de arroz.

Botinas sintéticas se aproximam!
Helicópteros, metralhas, fuzis.
Mas a rosa chumbo não se aniquila,
é a rosa impossível, a rosa Godzilla!

A rosa gigante esmigalha
outdoors, letreiros de neon,
antenas de tevê e todos os anúncios.
Rosa implacável, rosa maldosa.

Quem poderia prever,
improvável e perigosa?
Quem diria que a seiva
de tantas escrivatinhas
reuniria força assim estrondosa?

Avante rosa explosiva,
contra a capital dos capitais,
contra a paralisia industrial,
pelo fim das jornadas intermináveis.
A rosa.

Aos que chegam agora

Quando isso começou,
na verdade, um pouco antes,
andávamos mais miseráveis do que agora.
Não tínhamos esse pão
que hoje dividimos,
não tínhamos essa palavra
que nos dá sentido
e ajusta o rumo da caminhada.

Quando isso começou,
na verdade, um minuto antes,
nós nos olhávamos com medo
e tínhamos por certo
que a solidão é um fardo,
que a revolta é um tipo de tristeza
e que o mundo não tem jeito.

Nós estávamos juntos e separados.

Foi preciso que alguém
num encontro ocasional,
ao redor de uma fogueira,
ou na beira de uma estrada,
no meio do canavial,
no intervalo da fábrica,
no boteco da esquina,
alguém na porta da igreja,
alguém na fila do ônibus,
alguém que dirigisse a palavra
inquieta:
“do jeito que está,
não dá pra ficar!”

E a isso outro
respondesse: “sim!”
E desse “sim!” seguissem outros,
até que os números
enlouquecessem,
pois a soma de um mais um
de dois mais dois
inaugurava uma nova
gramática, a terceira
pessoa do plural: nós.
Um bando, um agrupamento,
um partido, uma classe.

Foi assim que começou.
Por isso você que chega hoje
deve saber disso.
Para nunca se pôr
indiferente
ao pão que dividimos
às palavras que usamos
ao medo que vivemos
à solidão que carregamos.

Lúcidos e Lúdicos

com Edi Almeida

Lúcidos, pois para o amor
se estender no tempo
é preciso fazer contas.
Lúdicos, para contar
o que as contas não contam.

Lúcidos, pois é preciso acertar
o cálculo das navegações.
Lúdicos, pois, por vezes,
é preciso seguir à deriva.

Lúcidos, pois para fazer fogo
é preciso calor, ar e madeira.
Lúdicos, pois a rima também incendeia.

Lúcidos, pois tem horas
que é preciso ter juízo.
Lúdicos, pois agora
é preciso perder o juízo.

Lúcidos, pois o inimigo avança
onde sobram corações.
Lúdicos, pois os corações explodem.

Lúcidos, para escrever poemas.
Lúdicos, para aguentar o trabalho.

Lúcidos, para se organizar contra a ordem.
Lúdicos, para fazer palavras de ordem.

Lúcidos, pois a beleza sem razão, engana.
Lúdicos, pois a razão sem a beleza, é dureza.

Lúcidos, para registrar o amor.
Lúdicos, para que o registro seja em versos.

O mundo não está pronto para nós

o mundo não está pronto para nós
nossa alegria
não cabe nas horas
que o mundo reservou
para ser alegre

nosso sorriso
faz barulho no meio da rua
enquanto as pessoas passam
de cara fechada
no meio da rua

nossas paixões
não se ajustam
às paredes
que o mundo reservou
às paixões

nossa tristeza
não se fez solitária
como o mundo queria
ganhou outro nome
rebeldia

o mundo não está pronto
para nosso bando
nossos olhares
antes da jornada de trabalho
são estranhos
aos que impõe
a jornada de trabalho

nossas reuniões nas horas livres
não correspondem
ao que querem que façamos
nas nossas horas livres

a canção que cantamos
os poemas que lemos
aquilo que propagamos
para o mundo inteiro
está em desacordo
com o mundo em que vivemos

pois o mundo não está pronto para nós
por isso nos arriscamos
por isso nos intrometemos
por isso nos amamos
por isso guerreamos
o mundo não está pronto
mas nós estamos.

Planejamento

*Fragmentos de um manifesto político
achado na cidade de Florações.*

Para todos vocês
senhores razoáveis
que duvidam
de nossos grandes planos
ofereço meu canto
futuro
a explosão das fronteiras
terror dos guardiões do
passado

o irrealizável
ponto de encontro:

quando o impossível
for a única
possibilidade
nós estaremos lá.

Piquete

Contam que tempos atrás
na cidade de Florações,
em uma fábrica metalúrgica,
um mecânico
chamado Tom,
era conhecido
por dormir pouco
e mesmo assim
aguentar o batente
de bom humor,
nos dias de sábado,
no turno da madrugada.

Evidente que
dormir pouco
não ocorria por gosto.
A filha de Tom
estudava de manhã
e ele se encarregava
de levá-la, buscá-la
e cuidar da casa,
nas horas em que o sol
está disponível
e a esposa no trabalho.

Certa vez,
no dia de sábado,
uma colega de trabalho,
que sabia da história,
exausta pelas
jornadas diárias,
dentro e fora da fábrica,

como todas as mulheres
dos turnos 1, 2 e 3,
perguntou ao mecânico:
Tom, como é que
tu aguenta
trabalhar animado
com duas horas de sono?

Tom arregalou
os olhos cheios
de olheiras,
se aproximou
e disse:

Ali no estoque
tem um lugar,
dá pra deitar,
vai lá e dorme
duas horas
que eu cuido
daqui pra ti,
depois a gente troca,
duas horinhas
salva o cara.

Tempos depois,
ela, que era
da oposição metalúrgica,
ganhou a direção do sindicato.

No primeiro
piquete de greve
que fizeram
pelo fim do trabalho
aos sábados,
naquela fábrica,
lá estava ela.

Tom chegou,
desceu do ônibus,
estranhou
e parou contrariado.

Então, antes
que ele arregalasse
os olhos cheios
de olheiras,
ela fechou
a passagem
pondo seu corpo
diante do dele,
e disse:

fica ali com os outros,
ali é um bom lugar,
deixa que eu cuido
daqui pra ti,
depois a gente troca,
fazer greve,
salva o cara.

O Ministério da Saúde Adverte

*Notícia extraída de um jornal na cidade de
Florações há muito tempo atrás.*

Segundo dados
da federação das indústrias
o absenteísmo
tem aumentado
de forma incontrolável
nos estabelecimentos industriais.

A principal razão
detectada
por técnicos especializados
é o que comumente
chamam de "amor".
"Estamos diante
de um problema
de grandes proporções
pois cada vez mais
trabalhadores
tem se recusado
a cumprir
as jornadas estabelecidas
alegando estarem apaixonados".

Em nota
enviada ao jornal
a recém eleita
diretoria do sindicato
dos operários diz:
"O amor e as paixões
exigem tempo próprio

e não podem
estar subordinados
aos lucros dos patrões”.

O presidente
da federação
da indústria
declarou que:
“amar
não pode ser
justificativa
para diminuir
a produção.”

Tal declaração
causou revolta
nos trabalhadores d
as fábricas
da cidade.

Câmeras foram
quebradas
a produção foi
paralisada
e a polícia
apreendeu
centenas de
colchões
espalhados
nas áreas de produção
e nos estoques.

Caso esteja
com os seguintes
sintomas...
sorrisos constantes

alegria durante mais de oito horas seguidas
sensação de borboletas na barriga
dirija-se imediatamente
para o trabalho
ou para casa
ligue a televisão
ou as máquinas.
Se persistirem
os sintomas
procure
o pronto-socorro
mais próximo.

Pôr do Sol

*no Itacolomi ou em alguma montanha
da cidade de Florações.*

Eles não pediam muito,
suas exigências (aprenderam
junto aos miseráveis)
eram cores, palavras, texturas.

Coisas simples e baratas
que se tornam úteis
quando todo o resto
está perdido.

Eles estavam felizes,
e apenas queriam (há algum
tempo se descobriram)
comemorar algo raro.

Como é estar feliz
por descobrir alguém
simples e cheia
de cores, palavras e texturas.

Eles foram até a fronteira
da cidade industrial.
Afinal, o amor não cabe
nas jornadas de trabalho,
nos mercados, nos salários.

Coisas como cadeados
grades, ferrolhos, trincos,
algemas, gaiolas,

cativeiros, fábricas.

Por isso, suas exigências
(aprenderam junto aos pássaros)
eram de ar fresco,
luz do sol, terra úmida.

Coisas simples e baratas,
como um poema,
como uma montanha,
onde assistir
o pôr do sol.

A Planilha

Quando publicaram a planilha
pela primeira vez,
houve grande alvoroço.
Foi preciso algum tempo
até que todos entendessem
do que realmente se tratava.

Não era por menos.
Depois da grande expropriação,
a insegurança bateu forte.
Centralizar a produção,
calcular o trabalho necessário,
organizar a distribuição das demandas,
abolir de uma vez por todas o dinheiro
e o sistema de trocas,
pareceu um passo maior que as pernas
para aqueles que pouco antes
lutavam apenas
por melhores condições de vida.

No entanto, quando tomaram
as fábricas, os portos,
as ferrovias, os laboratórios,
os depósitos e os palácios de governo,
elaborar a planilha
pareceu a única saída
para justamente
melhorar de vida.
E ela foi feita.

A tarefa era simples:
cada um deveria

acessar, com credenciais
não identificadas,
o banco de dados.
Lá encontraria
os produtos do trabalho
para o uso.
A lista era imensa
e cansava preenchê-la.

As coisas eram cereais,
temperos, legumes,
cadernos, panelas,
sementes, livros,
roupas, enfeites,
tintas, maquiagens,
lâmpadas, sapatos, etc.
E cada coisa escolhida
exigia a escolha
das opções que seguiam:
cor, textura, tamanho e
evidentemente a quantidade.
Ao final do preenchimento,
o sistema calculava:
a quantidade de trabalho
necessário para os produtos escolhidos;
indicava os centros de produção mais próximos;
e solicitava a disponibilidade de cada um.

Por mais que a insegurança
levasse, inicialmente,
à escolha de muitos produtos
em abundante quantidade,
todos se surpreenderam
que as horas necessárias
nos centros de produção
nunca passavam

de quatro horas semanais.
Assim, não demorou
para que a insegurança
cedesse, e logo todos
passaram a escolher
a medida precisa
do que necessitavam.
Os estoques individuais
perderam o sentido.

Para os produtos que
não estavam na lista
era necessário
se dirigir ao centro
de produção específico
e conversar com
os produtores para
dimensionar a viabilidade
e, fosse o caso,
depois de testado,
acrescentar à lista seguinte.
Isso realmente dava trabalho.

Com o tempo
frequentar os centros
de produção alterou
substancialmente
as necessidades.
A carne, por exemplo,
foi deixando de ser
consumida e outras
coisas passaram
a ter mais demanda
como as flores, as sementes,
e os produtos de jardim.

Com o tempo
a própria planilha
passou a ser
secundária no
dia a dia e muitas vezes
quase esquecida.

Mas disso sabíamos
pouco quando a planilha
foi publicada
pela primeira vez.

Nesse dia,
na cidade de Florações,
uma criança que
gostava de livros de história,
correu para junto
de sua mãe.
A mãe estava há muito tempo
desempregada
e enquanto preenchia
a planilha começou
a chorar.
A criança estranhou
e perguntou:
você foi contratada?

A mãe emocionada,
abraçou a criança,
sorriu e disse:
eu vou trabalhar,
mas acho que isso
de ser contratada
acabou.

Aula de História

*Aos camaradas do FNM 13 de Maio.
Humberto é professor de história
na cidade de Florações.*

Com certo esforço,
nas manhãs de verão,
Humberto reúne ao seu redor
um bom número de jovens
dispostos a participar de suas aulas.

Contam que parte de seu sucesso
provém da forma como
encadeia os conceitos
envolvendo os participantes
através de perguntas.
Além, é claro, de um domínio
competente sobre o conteúdo a ser tratado.

Contam que sua primeira aula
sobre o antigo regime
ficou famosa pela seguinte
pergunta de abertura:
“O que vocês imaginam
que um professor de história,
no antigo regime,
responderia, caso
fosse indagado sobre
o porquê dele dar aulas de história?”

Os participantes desafiados
respondiam o que lhes
parecia o mais comum:
“Ora, para ensinar aos mais novos

o que aconteceu no passado...”

“Para demonstrar a importância do autoconhecimento à humanidade”...

“Ora, para não repetirmos os erros que cometemos anteriormente...”

Após exaustivo debate regado de ironias sobre qual seria tal resposta em tempos idos, Humberto, com o olhar vidrado de excitação, projetava o tronco para frente, e com os braços estendidos continuava:

“Diferente do que nos é comum hoje, dar aula de algo para algo ser apreendido, um professor de história no antigo regime, responderia que dava aulas para ganhar um salário, sem o qual não sobreviveria. Eis aí o germe da miséria e da necessária superação do antigo regime capitalista de produção”.

Perfume para os dedos

Isso aconteceu na cidade de Florações.

Lá no futuro,
profundo horizonte róseo
da aurora dos trabalhadores
viveremos, eu e você.

Lá, no tempo dos homens,
de homens fazendo coisas,
não esse avesso absurdo
de aço, plástico e carne.

Onde o trabalho sem segredos
não espalha a miséria
e a total incompreensão.
Apenas trabalho e gozo do seu fruto.

Lá, um dia acordarei descansado
de um sono que nunca tive.
E tomado por uma animação,
desconhecida da que tenho agora,

irei à associação livre
dos trabalhadores livres das perfumarias,
onde decidem, pelos bons olfatos,
qual a melhor fragrância para cada ocasião.
E enquanto amasso pétalas
para extrair seu potente sumo,
pedirei uma recomendação:
"Qual a melhor fragrância para os dedos
de um tocador apaixonado?"

Nesse dia, como tantos outros por lá,
passarei na associação livre dos violeiros-poetas
e me inscreverei para a noite de serenatas,
nesse mesmo dia – como tantos outros por lá,

te aguardarei a tarde toda ensaiando,
cunhando versos, emprestando melodias,
ganhando outras. Tão belas
quanto o cheiro no frasco secreto.

Quando você chegar sem as olheiras
que lá nunca teve
vai sorrir ao me ver de viola na mão.
E o perfume dos dedos exalados na canção
chegarão a ti como um encanto.

“Estás apaixonado de novo?”
Dirá enquanto me beija o pescoço.
E riremos um riso que nunca rimos.
O riso inocente dos encantamentos
que lá, em geral, não enganam.

Aos camaradas

Quando a tempestade desaba,
inundando os dias,
ansiedade, insônia,
fundas olheiras,
e na entrada do trabalho
um par de olhos marejados,
(terremotos anunciam
cotidianos precipícios)
e o passo vacilante...
Eu encontro meus camaradas.

E mostro apenas pelo olhar
o que sobre mim foi derramado.
E nós, todos ensopados,
secamos nossas vestes
no calor dos explorados.
Com fios de lágrimas
tecemos agasalhos.

Quando os ralos entopem,
os carros atolam
e na boca da noite,
o passo que se dizia
firme e seguro,
é surpreendido por pregos
a perfurar a carne dos pés,
qual caminho que exige
a renúncia de percorrê-lo...
Eu encontro meus camaradas.

E com o bom humor dos derrotados,
(afinal, mais miserável é aquele

que não faz troça
da miséria que lhe foi imposta)
um sorriso brota no semiárido,
obstáculos dissolvem-se, feridas cicatrizam.

Quando o barco do amor
se arrebenta no cotidiano,
qual mesa virada,
brinquedo quebrado,
acidente fatal,
naufrágio de toda
ternura e compreensão,
a solidão do afogado
sem colar de pedras preciosas...
Eu encontro meus camaradas.

E eles me socorrem
com o escafandro dos desprezados,
salva-vidas dos solitários.

Afinal, quantos corações
dilacerados já não foram
metodicamente catalogados
em canções, versos e prosas?
O ar preenche os pulmões,
estamos a salvo...

Quando, enfim, diante
do pelotão de fuzilamento,
seja pelo tempo da carne
que a idade nos leva,
ou da luta de classes
que a polícia se encarrega,
a morte sem qualquer heroísmo
ergue sua foice...
Eu encontro meus camaradas.

E saberei que em mim
um cordão se estica do passado
até minha hora derradeira.
E saberei que em mim um sopro se prolonga,
no futuro, ventania traiçoeira.

Edições Trunca

Primeira Edição em Junho 2021

Revisão e Diagramação da versão ebook: Daniel Lage

ISBN 978-65-00-22274-6



9 786500 222746 >